

A IMPORTÂNCIA DO RITUAL PĒMP: FORMAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA GAVIÃO NA TERRA INDÍGENA MÃE MARIA

THE IMPORTANCE OF THE PĒMP RITUAL: FORMATION OF THE GAVIÃO INDIGENOUS SUBJECT IN THE MÃE MARIA INDIGENOUS LAND

LA IMPORTANCIA DEL RITUAL PĒMP: FORMACIÓN DEL SUJETO INDÍGENA GAVIÃO EN LA TIERRA INDÍGENA MADRE MARÍA

David Kakoktyire Valdenilson de Souza

Graduado em Licenciatura Educação do Campo pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

E-mail: david.kakoktyire@gmail.com

Flávia Marinho Lisbôa

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora Permanente no PPG em Letras da UFPA e do PPG em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

E-mail: flaviamlisboa@unifesspa.edu.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a importância do ritual pēmp¹ na formação do sujeito indígena do povo Gavião da T.I Mãe Maria², localizada no sudeste do Pará. O pēmp, tradicionalmente realizado com jovens entre 12 e 20 anos,    um ritual de passagem que envolve práticas culturais, sociais e espirituais, sendo essencial na constru  o da identidade individual e coletiva do povo Gavião. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas semiestruturadas com lideranças ind  igenas e anciãos que vivenciaram o ritual. As entrevistas foram realizadas entre janeiro e julho de 2024 e foram fundamentais para compreender os impactos do pēmp na formão dos jovens. Além disso, o estudo se ancora na exper  encia vivida do autor, ind  igena pertencente    comunidade pesquisada, o que proporciona uma perspectiva interna e leg『itima sobre o tema. Os resultados indicam que o pēmp desempenha um papel central no fortalecimento da autonomia, do vínculo cosmológico, da coletividade e do respeito às tradi  es ancestrais. A ausência da realiza  o contínua desse ritual pode comprometer a transmissão de saberes fundamentais    sobrevivência cultural do povo Gavião. Assim, o estudo reafirma a relevância do pēmp como prática educativa e formativa que resiste às influências externas e reafirma a identidade étnica em contextos contempor  neos.

Palavras-chave: Cultura ind  igena. Gavião. Ritual de passagem. Identidade. Educa  o tradicional.

ABSTRACT

This article aims to analyze the importance of the p  mp ritual in shaping the indigenous subject of the Gavião people from the M  e Maria Indigenous Land, located in southeastern Pará, Brazil. The p  mp, traditionally performed with youth aged 12 to 20, is a rite of passage involving cultural, social, and spiritual practices, essential to the construction of both individual and collective identity. The research adopts a qualitative approach, based on bibliographic review, document analysis, and semi-structured interviews with indigenous leaders and elders who have experienced the ritual. The interviews were conducted between January and July 2024 and were key to understanding the formative impact of the p  mp on youth. Additionally, the study draws from the lived experience of the author, an indigenous member of the community studied, which offers an internal and legitimate perspective. The results show that the p  mp

¹ Ritual de passagem tradicional do povo Gavião, realizado com jovens entre 12 e 20 anos, envolvendo práticas de form  o espiritual, social e identit  ria.

² Terra Ind  igena M  e Maria, localizada no munic  pio de Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do Pará, habitada pelos povos Gavião: Akr  atikat  j  , Kyikat  j   e Parkatêjê

plays a central role in strengthening autonomy, cosmological bonds, collectivity, and respect for ancestral traditions. The discontinuity of this ritual may compromise the intergenerational transmission of knowledge crucial for the cultural survival of the Gavião people. Thus, the study reaffirms the relevance of the pẽmp as an educational and formative practice that resists external influences and strengthens ethnic identity in contemporary contexts.

Keywords: Indigenous culture. Gavião. Rite of passage. Identity. Traditional education.

RESUMEN

Este artículo busca analizar la importancia del ritual del pẽmp en la formación del sujeto indígena del pueblo Gavião de la Tierra Indígena Mãe Maria, ubicada en el sureste de Pará. El pẽmp, realizado tradicionalmente con jóvenes de entre 12 y 20 años, es un rito de paso que involucra prácticas culturales, sociales y espirituales, y es esencial en la construcción de la identidad individual y colectiva del pueblo Gavião. La investigación adopta un enfoque cualitativo, basado en una revisión bibliográfica, análisis documental y entrevistas semiestructuradas con líderes y ancianos indígenas que experimentaron el ritual. Las entrevistas se realizaron entre enero y julio de 2024 y fueron fundamentales para comprender los impactos del pẽmp en la formación de los jóvenes. Además, el estudio se basa en la experiencia vivida del autor, indígena perteneciente a la comunidad investigada, lo que proporciona una perspectiva interna y legítima sobre el tema. Los resultados indican que el pẽmp desempeña un papel central en el fortalecimiento de la autonomía, los vínculos cosmológicos, la colectividad y el respeto por las tradiciones ancestrales. La ausencia de la práctica continua de este ritual puede comprometer la transmisión de conocimientos fundamentales para la supervivencia cultural del pueblo Gavião. Por lo tanto, el estudio reafirma la relevancia del pẽmp como práctica educativa y formativa que resiste las influencias externas y reafirma la identidad étnica en contextos contemporáneos.

Palabras clave: Cultura indígena. Gavião. Rito de paso. Identidad. Educación tradicional.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como foco analisar a importância do ritual *pẽmp* na formação do sujeito indígena do povo Gavião da T.I.³ Mãe Maria, localizada no sudeste do estado do Pará, Brasil. O *pẽmp* é um ritual de passagem tradicionalmente realizado com jovens entre 12 e 20 anos e que possui um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva do povo Gavião, atuando como prática formativa e pedagógica. Em um cenário de crescentes interferências culturais externas e ameaças à preservação das tradições indígenas, compreender os impactos desse ritual torna-se essencial para o fortalecimento da autonomia e da continuidade cultural desse povo.

A problematização da pesquisa parte da observação da ausência recorrente do ritual nas últimas décadas e dos efeitos dessa lacuna na formação das novas gerações. O estudo procura compreender de que forma o *pẽmp* contribui para a formação do sujeito indígena enquanto integrante ativo de sua comunidade, reforçando valores como pertencimento étnico, espiritualidade, vínculo com a natureza e respeito aos anciões. Publicações como a obra “Conhecendo o nosso povo” (PARÁ, 1997) reforçam, como um dos poucos registros sobre o ritual, a importância do *pẽmp* como experiência cultural e educativa na história dos Gavião.

Na compreensão sobre o *pẽmp* para a formação do sujeito indígena Gavião, vincula-se ainda o debate sobre o impacto nos rituais Gavião da T.I. Mãe Maria por conta dos conflitos vivenciados ao longo da história de contato, bem como a resistência do povo e sua certeza de que tal experiência possui um significativo impacto formativo nos sujeitos que dele participaram.

A metodologia utilizada consistiu em uma abordagem qualitativa, partindo de levantamento bibliográfica e documental, além da realização de entrevistas semiestruturadas com lideranças indígenas e anciões que vivenciaram o ritual entre os anos de 2022 e 2024. O estudo também foi construído considerando as vivências do primeiro autor, que é do povo Gavião, o que confere a legitimidade de um lugar de fala especial à abordagem, conferindo à perspectiva indígena o ponto central na produção do conhecimento, tanto pela delimitação do objeto de pesquisa quanto pelo lugar do pesquisador.

2 OS TEMPOS DA FORMAÇÃO: PERSPECTIVA TEÓRICAS E ANCESTRAIS DA APRENDIZAGEM

A formação do sujeito indígena Gavião da Terra Indígena Mãe Maria não se restringe a conteúdos escolares formais, mas está profundamente vinculada aos processos tradicionais de socialização e transmissão de saberes. Entre esses processos, o ritual *pẽmp* se destaca como eixo estruturante da educação tradicional, sendo vivenciado por jovens entre 12 e 20 anos, em um percurso de aprendizagem que une espiritualidade, coletividade, corporeidade e cosmologia.

³ T.I. – Terra Indígena

Para compreender a profundidade desse processo, articulam-se neste trabalho concepções indígenas de formação, como Ailton Krenak e Kátia Akratikatêjê, e teorias ocidentais do desenvolvimento humano, como as de Jean Piaget, Lev Vygotsky.

A partir de sua vivência como sujeito indígena gavião e de leitura de pensadores (Piaget, 1977; Vygotsky, 2001) que tratam sobre o desenvolvimento humano, Souza (2024) defende que as práticas do povo Gavião compreendem o desenvolvimento do sujeito em três grandes fases: o tempo do “conhecimento”, o tempo “emocional” e o tempo do “vínculo cosmológico”. Essas fases, segundo ele, correspondem a momentos da vida nos quais o indivíduo se relaciona com o mundo por meio da natureza, da coletividade e das tradições.

O primeiro tempo é o do conhecimento, quando a criança aprende por observação e experimentação direta com o meio ambiente, ancorando-se em Piaget (1977, p. 19) quando defende que o conhecimento é construído a partir da ação do sujeito sobre o mundo: “conhecer significa inserir o objeto num sistema de relações, a partir de ações executadas sobre esse objeto”. Tal concepção se alinha à prática cotidiana das crianças nas aldeias, que aprendem a pescar, subir em árvores e observar os ciclos da natureza desde muito cedo.

O tempo emocional marca a adolescência e é caracterizado pela instabilidade afetiva e construção de identidade. O autor dialoga com Vygotsky (2001) para interpretar que essa fase corresponde à Zona de Desenvolvimento Proximal, quando o sujeito precisa de mediação social para consolidar sua aprendizagem. No *pẽmp*, os jovens vivenciam esse tempo por meio do convívio intenso com os anciões e com outros jovens, sendo guiados por mestres ceremoniais, guerreiros experientes que operam como *tehàmtàrkatê*⁴ (protetores do grupo).

Já o terceiro tempo, o do vínculo cosmológico, corresponde ao ápice da formação do sujeito, pois evidencia o indivíduo amadurecido nos princípios espirituais de seu povo. Para Krenak (2018, p. 1), “viver uma experiência de comunidade [...] é fundamental para sermos uma pessoa equilibrada”. É neste tempo que o sujeito se reconhece como parte da coletividade e agente responsável pela preservação do território, dos rituais e das relações sociais.

Essas três fases, na discussão de Souza (2024), é a forma como pode ser delineado o desenvolvimento do sujeito gavião e, aponta ele, onde se insere o *pẽmp* nesse processo com seus impactos.

2.1 O *PÊMP* COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA ANCESTRAL

O *pẽmp* é considerado um “tempo do amadurecimento”, no qual os jovens passam por um processo de reclusão, aprendizado e transformação. A preparação para o ritual de passagem envolve diversos elementos simbólicos e práticos, como a plantação de roças, a caça, a construção de casas de palha e a

⁴ Termo timbira que designa o protetor do grupo no ritual, geralmente um ancião que orienta os jovens iniciandos.

escolha dos participantes, que inclui os jovens (*pẽmp*), suas protetoras (*pàmxa*), a garota símbolo (*pẽpkwìy⁵*) e os mestres ceremoniais.

Durante o período de reclusão, que pode durar de seis meses a um ano, os jovens vivem sob regras rígidas de alimentação, silêncio, respeito e colaboração. Cardoso (2021) destaca que o aprendizado dos jovens ocorre principalmente pela oralidade, sendo as cantigas, as histórias e as práticas simbólicas ferramentas essenciais na formação cultural Gavião. Eles aprendem valores fundamentais da cultura Gavião, como coragem, cuidado coletivo, respeito aos mais velhos e equilíbrio espiritual.

Ferraz (2000, p. 5) descreve o ritual como um processo de fortalecimento de um *ethos* guerreiro:

Os jovens iniciados no *pẽmp* permanecem reclusos por alguns meses, numa pequena casa fechada com palhas de babaçu [...] onde recebem ensinamentos especiais, baseados na bravura e na honradez, princípios norteadores da perpetuação de um *ethos* guerreiro.

As atividades realizadas no *pẽmp* envolvem tarefas práticas (caça, pesca, agricultura), atividades rituais (cantos, danças, banhos rituais) e ações educativas (escuta dos anciãos, convivência coletiva). Esse modelo de formação se aproxima do que Freire (1996) chamou de pedagogia da experiência: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

Para compreender a organização simbólica e pedagógica do ritual *pẽmp*, é importante identificar os principais elementos que compõem sua estrutura. A seguir, apresenta-se uma tabela com os participantes, papéis e atividades que integram o ritual, evidenciando sua complexidade formativa e o envolvimento coletivo dos membros da comunidade.

Quadro 1: Integrantes, papéis e atividades do ritual *pẽmp*

Figura do Ritual	Função / Significado
Jovens (<i>pẽmp</i>)	Iniciandos; para quem é voltada a formação tradicional durante o ritual.
Pàmxa	Protetoras femininas; mulheres responsáveis por cuidar dos <i>pẽmp</i> , escolhidas por elas, com os quais não se pode ter vínculo direto; no mínimo de 2º grau. Na relação estabelecida durante o <i>pẽmp</i> , os jovens devem entregar à <i>pàmxa</i> tudo o que for conquistado (pela caça, coleta, pesca...) por eles durante esse período. Essa troca significa também o “pagar”, uma vez que o <i>pẽmp</i> deve pagar aquela alimentação que consumiu com algo que ele encontrar na floresta após sua caçada.
Pẽpkwìy ⁶	Garota símbolo que lidera a dança e carrega a ideia da “menina moça”, a menina que está no seu primeiro ciclo menstrual. Sua presença no meio dos meninos ensina que todos os <i>pẽmp</i> devem estabelecer uma relação com a figura feminina de respeito e proteção, pois ela representa aos jovens as mães, irmãs e tias e, depois de casados, também suas futuras esposas e filhas.

⁵ Garota símbolo do ritual *pẽmp*, que dança na frente do cantor principal e representa a feminilidade e a continuidade cultural.

⁶ *Pẽpkwìy* é a garota símbolo do ritual *pẽmp*, que lidera a dança à frente do cantor principal, representando a feminilidade e a continuidade cultural entre gerações.

Tehàmtàrkatê ⁷	Protetores/anciões que orientam os participantes. Não precisa, necessariamente ser uma pessoa mais velha, mas pessoa notadamente com princípios de honradez, coragem, liderança e respeitado por todos.
Cantores	Responsáveis pelas músicas sagradas e mensagens rituais.
Atividades	Reclusão, caça, plantio, danças, banhos sagrados, escuta dos anciões.

O povo Gavião tem o *pẽmp* como uma vivência fundamental para a formação do sujeito indígenas e o quadro acima demonstra o sentido ancestral da premissa “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. Assim, as descontinuidades que o *pẽmp* tem sofrido, reflete a instabilidade social que o povo Gavião tem sido submetido, pois o ritual requer um longo e forte período de preparação de todo o povo: “Então é algo que vai acontecer mais planejado que o *pẽmp*. Ele tem que se planejar. Os velhos vão ver, vão escolher o local, vão se planejar. Eles sabem a hora que os jovens precisam daquele aprendizado”. (Informação oral, Pempkoti Valdenilson, Marabá, 2024). Assim também reforça Pepkrakte Jakukreikapiti Ronore Konxarti (Informação Oral, Marabá, 2024): “Só que nós temos que preparar antes. Ou seja, a comida. A batata, o inhame, a banana, tá tudo pronto? Tá. Então nós vamos fazer o *pẽmp*. Porque vai comer só massa mesmo”.

Como destacado, o *pẽmp* envolve toda a aldeia nesse processo formativo, desde a preparação dos alimentos que serão consumidos pelos jovens *pẽmp* e precisam ser plantados com a antecedência necessária para a colheita no período do ritual, o envolvimento dos anciões, das mulheres e toda a comunidade da aldeia que entram em sintonia com o ritual, tendo como fundamento de aprendizagem a vivência, a prática. Nesse sentido, a cacica Kátia Silene Akratikatêjê destaca que, mesmo fora do ritual, os ensinamentos na aldeia são repassados envolvendo os sujeitos nas vivências diárias. O registro da fala da cacica está registrado na obra de Lisbôa (2023, p. 99)

[...] De como entender a época de plantar, de como conservar as suas sementes, de como guardar as suas músicas e como as músicas eram geradas, através das brincadeiras, através do dia a dia, através do tempo, de como hoje o dia amanheceu fechado. Então isso é a aprendizagem de como a gente ia inventar as músicas, como elas podiam ser cantadas. Nós temos músicas através de animais, do tempo, de madrugada, da noite, do dia a dia, do caminhar, de como a pessoa era.

Krenak (2018, p. 1) também evidencia a vivência, a relação entre os sujeitos como forma de aprender: “É o mais velho contando uma história, ou um mais novo que teve uma experiência que pode compartilhar com o coletivo que ele pertence e isso vai integrando um sentido da vida, enriquecendo a experiência da vida de cada sujeito, mas constituindo um sujeito coletivo.”

Em diálogo com os intelectuais indígenas acima destacam, o sentido do *pẽmp* parte da necessidade da relação dos mais velhos com os novos, como ocorre em outros momentos importantes como a puberdade, casamento e outros eventos que marcam a vida adulta. Na maioria das vezes esse contato se destaca no

⁷ Tehàmtàrkatê é o termo timbira que designa o protetor do grupo no ritual, geralmente um ancião responsável por orientar e zelar pela formação dos jovens iniciandos.

processo de casamento entre os mais jovens, pois é nesse processo que os jovens aprendem a plantar, coletar, pescar e caçar.

eles ensinam sem tu perceber. Você aprende no dia-a-dia, sem ele está explicando: “você tem que fazer isso, isso e isso”. Ele só fala que você age dessa forma. E, como é um ano, isso fica automático em você. Então, quando eu entro de um jeito, [...] mas devido a você passar um ano praticamente [...], quando eu saio, eu já saio modificado” (Informação oral, Kupepramre Valdenilson, Marabá, 2024).

De forma geral, em resumo, o *pẽmp* é uma atividade que envolve a participação de jovens (crianças e adolescentes), oportunizando interações sociais, trabalho em equipe e cooperação com o objetivo de promover o senso de comunidade e pertencimento entre os jovens membros do povo Gavião. Durante o *pẽmp* são transmitidos valores importantes para a comunidade, como respeito aos mais velhos, solidariedade, generosidade e justiça, além de outros conhecimentos ancestrais voltados às técnicas de caça, habilidades de sobrevivência na floresta, tradições orais e narrativas. Essa transmissão de conhecimento ocorre de forma lúdica e prática, garantindo que as tradições e a cultura do povo Gavião sejam fortalecidas e transmitidas às gerações futuras, refletindo aspectos da vida cotidiana e, portanto, servem como uma ferramenta eficaz para ensinar normas sociais e comportamentais.

Após esse processo, o desenvolvimento desses sujeitos alcança um nível de complexidade humana vinculada ao território e ao seu povo, o que o acompanhará como fundamentos basilares durante toda a vida. O que os entrevistados relatam é que muitos só percebem o tamanho do poder do *pẽmp* quando chegam ao final desse ciclo. Depois desse processo de amadurecimento, os jovens estão prontos para casar, constituir família e todos os demais desafios do mundo com toda sua potência física e emocional equilibradas.

3 IMPACTOS FORMATIVOS DO *PẼMP*: LIDERANÇA, PERTENCIMENTO E ESPIRITUALIDADE

Ao longo do estudo, evidenciou-se que os jovens participantes do *pẽmp* desenvolvem habilidades que vão além do conhecimento técnico. Muitos dos entrevistados afirmaram que o ritual despertou neles a consciência de pertencimento étnico, a valorização das tradições e a disposição para assumir papéis de liderança. Kupepramre Valdenilson, um dos entrevistados, avalia esse processo:

O *pẽmp* formou liderança hoje, que é o Joprikatire, que é cacique. Aprendeu a cantar, aprendeu a caçar [...] as músicas, aprendeu tudo [...] a fazer artesanato. Jakurê também, no mesmo caminho, aprendeu a caçar, aprendeu a cantar [...] se tornou um especialista, hoje é um dos cantores muito importantes do povo Gavião [...] E aí vem eu também, como cantor, na Akrātikatêjê, que também aprendeu lá dentro” (Informação oral, Kupepramre Valdenilson, Marabá, 2024)

A convivência com os anciões, o aprendizado por meio das canções e a interação simbólica com os elementos da natureza reativam os vínculos cosmológicos essenciais à cultura Gavião, reforçando os sujeito gavião frente aos efeitos da fricção interétnica descrita por Oliveira (1972), marcada pelo embate entre sistemas culturais distintos aos quais o povo Gavião está exposto sistematicamente.

Abaixo são apresentados trechos das entrevistas com os *pẽmp* e o impacto do ritual em sua constituição como sujeito:

Então quem participou aprendeu muita coisa. Aprendeu a respeitar o próximo, a respeitar o mais velho. Que é ali que estão realmente os professores. eles ensinam sem tu perceber. Você aprende no dia-a-dia. Sem, ele está explicando, você tem que fazer isso, isso e isso. Ele só fala que você age dessa forma. E, como é um ano, isso fica automático em você. O *pẽmp* transforma também a pessoa a ser companheira. A pensar no próximo, a se colocar no lugar do outro. E a ter essa visão do todo enquanto comunidade. E quando você sai do *pẽmp*, você sai essa pessoa (Informação oral, Kupepramre Valdenilson, Marabá, 2024).

Respeitar o mais velho, respeitar a natureza, respeitar a cultura, quer dizer, aprendendo, respeitando e aprendendo, por exemplo, fazer a flecha, como colocar a ponta de flecha na taboca. Esse é o aprendizagem. Então ela é uma coisa realmente muito séria [...] Não é uma brincadeira. É um ritual sagrado do povo gavião e é sério. Às vezes nós tava ali, a beija-flor vinha, ficava aqui no nosso nariz [...] umas 5 horas, por aí, nós íamos para dentro da água. Tava só a cabecinha de fora. Os bichos passaram, sem tocar na gente. Então eu pude perceber que quando você convive com a natureza, a partir do momento que você respeita, você também é respeitado."(Informação oral, Pepkrakte Jakukreikapiti Ronore Konxarti, Marabá, 2024).

Essas questões do cosmo da natureza mesmo. Tu vê muito essa questão dentro do *pẽmp*. Que é algo que tu tem que seguir à risca. É um ritual religioso nosso praticamente. Porque ali tu tá começando a entender natureza, tá começando a entender tu como pessoa, a importância da comunidade, a importância da natureza em si para a comunidade e a comunidade para a natureza também. Então tu aprende tudo isso. E poder extrair, realmente, tudo que ela te oferece, a natureza. (Informação oral, Pempkoti Valdenilson, Marabá, 2024)

Conforme relatos, além do fortalecimento de lideranças, o *pẽmp* também proporciona aos jovens um reencontro com o espiritual, com os sentidos cosmológicos da existência gavião e a relação que estabelece com a natureza e os seus iguais. Evidencia-se, então, que o ritual tem como pressuposto a evolução do ser originário da terra, possibilitando o contato direto dos jovens com a natureza e seus anciões em longo e intenso processo de aprendizagem e transição para aprender e se encontrar como sujeito e se reconhecer no coletivo a que pertence.

3.1 A URGÊNCIA DA RETOMADA CULTURAL

Com a crescente influência da tecnologia, da escola formal e, principalmente, das pressões externas que historicamente abalam a organização do povo e seu território, muitas das práticas culturais têm sido atravessadas. Conforme analisa Sompré (2021), os impactos causados por grandes empreendimentos na T.I. Mãe Maria interromperam importantes rituais de formação, como o *pẽmp*, desestruturando temporalidades e vivências ancestrais fundamentais à identidade Gavião.

O próprio termo ‘brincadeiras’, que parte do olhar externo, tem sido substituído estrategicamente pelos indígenas por expressões como ‘práticas culturais’, ‘atividades tradicionais’, ‘rituais’ ou *amjikin*⁸. Isso se deve à tentativa de reafirmar o valor sagrado dessas práticas, como pontuado pelo ancião Aianã:

o *pẽmp* não pode ter influência de nada do branco, né? Ele tem que ser puro, tem que ser puro do povo gavião, sem influência de religião, sem influência de escola, sem influência do governo.” (Informação oral, Aianã Gavião, Marabá, 2024).

Portanto, retomar e fortalecer o *pẽmp* é mais que uma ação cultural: é um ato de fortalecimento político e cosmológico, que contribui diretamente para a autonomia e resistência dos Gavião como povo originário, vinculando-se aos seus modos próprios de ensinar, viver e (re)existir.

No quadro abaixo é possível identificar uma linha do tempo do ritual com os principais marcos de interrupção e retomada do *pẽmp*, evidenciando o impacto histórico e o esforço recente de fortalecimento cultural.

Quadro 2: Linha do tempo do ritual *pẽmp*: interrupção e retomada

Ano	Evento
~1958	Última realização do <i>pẽmp</i> antes da interrupção
1983	Primeiro registro sobre a ausência do <i>pẽmp</i> (25 anos)
2022	Entrevistas com lideranças indicam retomada parcial
2024	Pesquisa etnográfica e reconstrução do ritual

A partir da análise das lideranças e anciões, a descontinuidade do *pẽmp*, assim como outros rituais, práticas culturais e até mesmo a língua, é fruto dos impactos gerados pela frequente necessidade de autodefesa do povo, especialmente em relação aos empreendimentos que ameaçam o território, de forma que o povo gavião se encontra em permanente e intensos ataques à sua organização social, desde a invasão de seus território e, subsequente, confinamento na T. I. Mãe Maria, que continua em constante ameaça.

E como foi destacado nos excertos, é preciso uma regularidade temporal na cultura da comunidade para se prepararem para o *pẽmp*, enquanto que, no contexto pós-contato sistemático, o que o povo mais tem vivenciado é a instabilidade sociopolítica, econômica e cultural, impondo-os permanente estado de alerta e intensa agenda diante das demandas relacionadas aos empreendimentos que ameaçam seu território.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou compreender o papel do ritual *pẽmp* na formação do sujeito indígena do povo Gavião do Pará, destacando sua relevância como prática de constituição dos sujeitos indígenas dessa sociedade. Na discussão empreendida, é possível afirmar que o *pẽmp* vai muito além de um simples rito de

⁸ Amjikin é uma palavra da língua timbira jê que significa “momentos de se alegrar” ou início das festividades, com forte dimensão espiritual e educativa para o povo Gavião.

passagem, configurando-se como um processo profundo de conexão com os saberes ancestrais, fortalecimento da identidade étnica e construção de um sujeito coletivo.

A partir dos relatos, evidencia-se que o *pẽmp* tem papel fundamental na consolidação dos vínculos cosmológicos e espirituais entre os jovens e a comunidade. Por meio das práticas vivenciadas durante o ritual — como a reclusão, a caça, a coleta, os cantos, os ensinamentos dos anciões e a convivência com a natureza — os participantes desenvolvem autonomia, respeito, responsabilidade e pertencimento, formando-se como sujeitos conscientes de sua identidade e missão enquanto membros do povo Gavião.

Além disso, o estudo reafirma a importância de reconhecer os conhecimentos indígenas como formas legítimas de produção de saber, valorizando a oralidade, a vivência e os rituais como fundamentos de uma pedagogia própria. O *pẽmp*, nesse contexto, é tanto um ato formativo quanto uma estratégia de resistência frente às influências externas e ao apagamento cultural promovido pelas instituições formais da sociedade *kupẽn*⁹.

Assim, conclui-se que o fortalecimento das práticas culturais como o *pẽmp* é essencial para garantir a continuidade da memória, da história e da existência dos povos indígenas em suas formas de existir. Por isso, manifestou-se para os interlocutores da pesquisa a necessidade de retomar o ritual com regularidade mais frequente, como compromisso com a educação específica do povo, com a diversidade cultural e com a justiça histórica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Dra. Flávia Marinho Lisbôa, pela orientação, amizade e sabedoria compartilhada ao longo de toda a trajetória acadêmica. À comunidade Gavião da Terra Indígena Mãe Maria, especialmente aos anciões e lideranças que partilharam seus saberes e histórias com generosidade e coragem. Aos meus colegas da Faculdade de Educação do Campo, à minha família e ao Programa PAIND¹⁰, por todo apoio, incentivo e resistência coletiva ao longo desse percurso.

⁹ *Kupẽn* é o termo timbira utilizado para designar os não indígenas, especialmente aqueles de fora da comunidade.

¹⁰ Programa de Apoio à Inclusão e Diversidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. *Dicionário Parkatêjê-Português*. Belém: s.n., 2016.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

CARVALHO, D. O. O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP; UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO – UNIVESP. *Caderno de Formação: Educação Infantil: princípios e fundamentos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. v. 1, p. 13-27.

FERNANDES, F. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2010.

FERRAZ, I. *De “Gaviões” à “Comunidade Parkatêjê”: uma reflexão sobre os processos de reorganização social*. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.

FERRAZ, I. *Os Parkatêjê das matas dos Tocantins: a epopeia de um líder timbira*. 1984. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1984.

FERRAZ, I. Gavião. In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo: ISA, 2000. Disponível https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Gavi%C3%A3o_Parkat%C3%AAj%C3%AA. Acesso em: 6 abr. 2024.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOURY, S. E. C.; PAZ, M. M. K. Etnodesenvolvimento como uma política contra-hegemônica: o direito das comunidades tradicionais de serem diferentes quando a igualdade as descaracteriza. *Revista Argumentum*, Marília, SP, v. 22, n. 1, p. 119-133, jan./abr. 2021. Disponível em: <http://ojs.unimar.br/index.php/revistaargumentum/article/view/1251>. Acesso em: 22 ago. 2024.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LISBÔA, F. M. *Racismo linguístico e os indígenas Gavião na universidade: língua como linha de força do dispositivo colonial*. Salvador: EDUFBA, 2022.

MIRANDA, A. B. *Os “Gaviões da mata”: uma história de resistência timbira ao Estado*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC Goiás, Goiânia, 2015.

PIAGET, J. *Psicologia da inteligência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SOMPRÉ, C. G. *Os projetos desenvolvimentistas no território Mãe Maria: memórias de uma vida de impactos na perspectiva Gavião*. Marabá: UNIFESSPA, 2021.

SOUZA, David Kakoktyire Valdenilson de. A importância do ritual pẽmp na formação do sujeito indígena do povo gavião da T.I. Mãe Maria. 41 f. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2024. Disponível em:<<https://ri.unifesspa.edu.br//handle/123456789/492>>. Acesso em: 05/05/2025.

YGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.